



**CENTRO UNIVERSITARIO AGES
CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS LICENCIATURA
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE**

**LARISSA SILVA BARBOSA
PÂMALA CONCEIÇÃO CARVALHO
TIAGO DA SILVA MATOS**

**EDUCAÇÃO SEXUAL (REVISÃO NARRATIVA SOBRE
FAMÍLIA E ESCOLA)**

**PARIPIRANGA-BA
2023**

**LARISSA SILVA BARBOSA
PÂMALA CONCEIÇÃO CARVALHO
TIAGO DA SILVA MATOS**

**EDUCAÇÃO SEXUAL (UMA REVISÃO NARRATIVA SOBRE
FAMÍLIA E ESCOLA)**

Artigo científico apresentado como trabalho de conclusão de curso do Centro Universitário AGES, como pré-requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Ciências Biológicas sob orientação do professor Abel Felipe de Oliveira Queiroz

**PARIPIRANGA-BA
2023**

RESUMO

Este trabalho discorre sobre a relevância da educação sexual no contexto educacional, destacando a importância de uma abordagem aberta e inclusiva tanto da família quanto da escola. Para obtenção dos dados e melhor compreensão da temática, realizou-se uma revisão de literatura narrativa abrangente, não contando com critérios explícitos para meios de análise da literatura. Nesse processo, essa revisão decorre de uma fundamentação teórica a respeito dos conceitos que estão inseridos na temática “educação sexual”, bem como os objetivos no que se refere à aceitação e à diversidade sexual e de gênero na família. No decorrer do trabalho, são relatadas estratégias para envolver os pais, os educadores e as comunidades no processo educativo a fim de promover uma compreensão saudável da sexualidade; prevenir infecções sexualmente transmissíveis (ISTs), gravidez precoce e aborto; como também contribuir para relacionamentos interpessoais mais saudáveis. Ao final, este trabalho faz uma síntese dos principais achados, apresentando contribuições de propostas interventivas, por exemplo: a necessidade de políticas educacionais que apoiem a implementação efetiva da educação sexual, dentre outros meios que podem estar incluídos, sendo citados: as campanhas de conscientização, espaços seguros para tratar sobre o assunto e parcerias com especialistas em saúde que visam a promoção de uma vida adulta saudável, informada e livre de estigmas em relação à sexualidade.

Palavras-chave: Educação sexual. Resistência cultural. Inclusão. Sexualidade. Políticas educacionais.

ABSTRACT

This paper addresses the relevance of sexual education in the educational context, emphasizing the importance of an open and inclusive approach through the partnership of social institutions such as family and school in matters related to sexuality. In this regard, the focus is on ideals aimed at reforming individuals' thinking regarding this theme. A comprehensive narrative literature review was conducted, lacking explicit criteria for literature analysis methods. This review provides a theoretical foundation on concepts within the field of sexual education, including its objectives related to acceptance and diversity in sexuality and gender. Strategies are outlined to engage parents, educators, and communities in the educational process to promote a healthy understanding of sexuality, prevent sexually transmitted infections, early pregnancy, abortion, and contribute to healthier interpersonal relationships. Furthermore, it underscores the discussion of strategies involving parents, educators, and communities in the educational process to create a learning environment that fosters a positive and informed approach to sexuality. In conclusion, the paper presents an organized synthesis of key findings and proposes interventions, highlighting the need for educational policies supporting the effective implementation of sexual education, including awareness campaigns, safe spaces for discussion, and partnerships with health experts to promote a healthy, informed, and stigma-free adult life regarding one's sexuality.

Keywords: Sexual education. Cultural resistance. Inclusión. Sexuality. Educational policies.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 METODOLOGIA	7
3 RESULTADOS E DISCUSSÃO	8
3.1 Tabus e diálogos na educação sexual.....	8
3.2 O outro lado do conceito de gênero.....	9
3.3 O silenciamento da família e escola	11
3.4 Educar para prevenir	13
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	13
5 Agradecimentos	15
REFERÊNCIAS	17

1 INTRODUÇÃO

A Educação Sexual nas escolas desempenha um papel fundamental na preparação de alunos e alunas para enfrentar questões relacionadas à sexualidade, de forma saudável e informada (FIGUEIRA, 2020). É projetada para oferecer uma base de conhecimento sobre anatomia, fisiologia e funcionamento do corpo humano, bem como, orientações sobre relacionamentos interpessoais, consentimento, comunicação eficaz e respeito mútuo, ou seja, é toda ação de ensino e aprendizagem a respeito da sexualidade humana a qual não se limita a conhecimentos voltados apenas para vida sexual, mas também sentimentos, emoções, valores e normas (FIGUEIRA, 2020).

Dessa maneira, este trabalho tem por finalidade o posicionamento de alunos e alunas sobre questões corriqueiras que possam vir a interferir da vida individual e ou coletiva, alinhando pensamentos para superação de indiferenças e intervenção de forma saudável, além de propor conceitos e entendimento a respeito da educação sexual no âmbito escolar (SANTOS et al., 2021). Percebe-se que a educação sexual se faz essencial na formação de indivíduos, por isso ser de suma importância que seja discutida, considerando que é um assunto que por vezes gera desconforto e ideias contrárias, contudo, essa abordagem permite a crianças e adolescentes alimentarem hábitos saudáveis, alinhar dúvidas, bem como questionar situações pertinentes à saúde física e mental. Visando formar conhecimentos e habilidades necessárias para tomar decisões informadas e responsáveis, enquanto promove o respeito pela diversidade e a criação de um ambiente educacional seguro e inclusivo (SANTOS et al., 2021).

Sabe-se que por muito tempo a perspectiva da sociedade no que tange à sexualidade foi limitada, ou seja, vista como sendo prática sexual e/ou órgãos reprodutores, porém, considera-se que a sexualidade se refere aos sentimentos, às relações interpessoais e às vontades, envolvendo fatores intrínsecos os quais abrangem instituições sociais como por exemplo, família, escola e igreja (RIBEIRO apud FIORIN, 2020).

De acordo com Louro (2019), a educação sexual nas escolas busca, mediante a transmissão do conhecimento, promover a inclusão e aceitação da diversidade sexual e de gênero. Gênero é um tema profundamente complexo e multifacetado, que engloba não

apenas a identidade de uma pessoa, mas também a forma como ela se expressa e é percebida pela sociedade, ou seja, o gênero está relacionado à identidade de cada sujeito, à maneira de como se veste, seus gestos e hábitos. O gênero pode passear entre ambos os sexos, quebrando o paradigma que o masculino e o feminino se encontram em dois polos separados enrijecidos e padronizados socialmente, já a sexualidade se relaciona à prática sexual (LOURO 2019). Em sua essência, o gênero se refere à construção social, psicológica e cultural que molda como uma pessoa se vê e se sente em relação a sua própria identidade (REIS, 2018).

Todavia, a abordagem da educação sexual geralmente é adaptada à idade e ao nível de desenvolvimento dos alunos e alunas, começando com informações básicas em idades mais jovens e progredindo para tópicos mais complexos à medida que os alunos envelhecem (UNESCO, 2014). Os professores desempenham um papel crucial nesse processo, é importante que sejam devidamente treinados para abordar essas questões de maneira sensível e objetiva. Assim sendo, objetiva-se explorar e promover a integração de abordagens educacionais abrangentes sobre sexualidade, quando se considere o papel fundamental da família e da escola, visando fornecer uma base sólida para o desenvolvimento saudável e respeitoso das crianças e adolescentes em relação à sexualidade, aos relacionamentos e à saúde reprodutiva.

2 METODOLOGIA

Para alcançar o propósito deste trabalho, foi realizada uma revisão narrativa, com buscas baseadas na seguinte questão norteadora: Como a educação sexual nas escolas pode ser trabalhada para a promoção do bem-estar emocional e mental dos estudantes, dos professores e da família?

Em termos mais específicos, o caráter para esse tipo de pesquisa se resume em revisão de literatura narrativa com cunho qualitativo que, por sua vez, se baseia no caráter subjetivo, isto é, o resultado não irá partir de números concretos, sendo apenas composto por narrativas, ideias e experiências individuais que serão feitas através da análise da literatura pertinente, tais como artigos e livros (MINAYO, 2014).

Nesse sentido, a revisão narrativa também conhecida como tradicional (SILVA,

2019) é um estudo que busca descrever ou discutir o estado atual do tema pesquisado, ou seja, não busca critérios explícitos para a análise da literatura, os critérios de inclusão dos estudos são submetidos e adequados à singularidade dos autores.

Salienta-se que, as buscas foram realizadas considerando trabalhos embasados no tema, os artigos e livros selecionados foram do período entre 2014 a 2023, também foram levados em consideração trabalhos no idioma inglês e português.

Dessa forma, para a distinção dos estudos se fez necessário seguir etapas, incluindo leitura dos títulos de todos os artigos encontrados, leitura de resumos, dissertações, livros, exploração dos próprios artigos e, por fim, apresentação dos resultados a partir do material avaliado. No decorrer da temática, as referências necessárias serão inseridas conforme a análise dos estudos, e de acordo com o modelo da ABNT.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir dos levantamentos teóricos expostos anteriormente nessa revisão narrativa de literatura, elaborou-se seções em tópicos, a fim de relatar os principais desafios da educação sexual, com enfoque nas áreas familiar e escolar. Diante disso, entende-se que é importante a implementação da educação sexual nas escolas, pois a educação sexual é um ato de transmitir conhecimentos, princípios, práticas e conceitos, ou seja, dessa maneira contribuindo como forma de educação. (BONFIM, 2009 apud LEAL, 2021).

3.1 Tabus e diálogos na educação sexual

A educação sexual reconhece que a adolescência é uma fase de mudanças físicas e emocionais, na qual os adolescentes buscam entender suas identidades e relações. Abordar as mudanças corporais durante a puberdade, bem como as questões emocionais e psicológicas associadas a essas mudanças, é fundamental para fornecer suporte aos adolescentes. Identidade de gênero é um tópico essencial da educação sexual inclusiva, que aborda a diversidade e explica as diferenças entre sexo biológico,

identidade de gênero e expressão de gênero. Da mesma forma, discutir diferentes orientações sexuais, como heterossexualidade, homossexualidade, bissexualidade e pansexualidade, ajuda os alunos a compreender a diversidade da sexualidade humana.

Atualmente, com o acesso às ferramentas tecnológicas, as informações e conhecimentos no que diz respeito ao sexo tornaram-se mais fácil, embora considerando que existem fontes não confiáveis que possam até instruir ou informar inverdades a respeito da sexualidade. Segundo Maia e Ribeiro (apud LEAL, 2021), a escola é o ambiente mais propício para se informar a respeito da educação sexual, já que é um local que se conhece desde a infância e que permite contato e reflexão sobre o assunto.

Desse modo, o processo de educar, embora seja nitidamente desafiador, faz-se necessário, tendo em vista que essa temática pode vir a influenciar na formação de indivíduos com uma mentalidade mais centrada, que tem total conhecimento sobre seus desejos, prazeres e sobretudo o próprio corpo (SILVA, 2014).

Nesse viés, é importante reconhecer os benefícios significativos da educação sexual nas escolas, os quais ajudam a diminuir o estigma e o tabu em torno da sexualidade e da diversidade sexual e de gênero, promovendo relacionamentos respeitosos e saudáveis. Contudo, ainda é percebido um grande equívoco nesse tipo de educação, uma vez que os pais não costumam comunicar ou dialogar devidamente sobre o assunto, ficando para a instituição escolar toda a responsabilidade.

Nesse caso, faz-se necessário um entrosamento entre família e instituição escolar, quando se trata de um assunto tão pertinente e importante como é a educação sexual. É nesse momento que os questionamentos das crianças passam a necessitar de mais importância, visto que precisam ser esclarecidos de forma objetiva (SILVA, 2014).

Em suma, a valorização de conhecimentos prévios é de alta importância a fim de promover uma saúde sexual e reprodutiva correta e consciente, quando se convida o discente a se responsabilizar consigo e com o outro (PAIVA et al., 2018).

3.2 O outro lado do conceito de gênero

Diante da presente temática, surge um novo pensamento que vem sendo muito discutido em sociedade: a importância da escola na tentativa de trazer o discurso da

pluralidade para dentro da sala de aula. Assim, segundo (LOURO, 2019) enquanto a sexualidade, suas diferenças e a compreensão de gênero de forma ampla, não fizerem parte do discurso na sala de aula, tudo isso poderia ser motivo de desconfortos no chão da escola. Para isso, que existe infinitas possibilidades dentro da concepção do ser feminino e do ser masculino. A sociedade e as relações de poder se instituíram de acordo com seus interesses de um determinado padrão para o que deve ser “feminino e o masculino”. Dessa maneira, ao reduzir e impedir que o ser humano esteja em contato com experiências diversificadas sobre sexualidade e de identidade de gênero (LOURO, 2019).

Nesse aspecto, é possível caracterizar o gênero de diversas maneiras, sendo ele social, psicológico ou cultural que molda como uma pessoa se vê e se sente em relação a sua própria identidade (BRASIL, 2018).

Nessa lógica, é notório afirmar que muitas pessoas passam por um processo de autodescoberta para entender sua orientação sexual, o que pode ser desafiador em sociedades que impõem normas rígidas de heterossexualidade (REIS, 2018). A aceitação e o apoio de amigos, familiares e da sociedade desempenham um papel crucial nesse processo. Pessoas LGBTQIA+ frequentemente enfrentam estigma, preconceito e discriminação devido à sua orientação sexual, o que pode prejudicar sua saúde mental e bem-estar (SÃO PAULO, 2020). O preconceito provoca a fragilidade ou o rompimento dos vínculos familiares, a exclusão do convívio na comunidade e a discriminação sofrida nas escolas. A luta por igualdade de direitos, casamento igualitário e leis antidiscriminação são uma parte importante do ativismo LGBTQIA+ (SÃO PAULO, 2020).

Nesse sentido, a identidade de gênero refere-se ao senso interno e profundo de ser homem, mulher, ou uma sexualidade diferente daquela atribuída ao nascimento. Diferente da biologia sexual, que é atribuída ao nascimento com base em características físicas, a identidade de gênero é uma construção pessoal e subjetiva. Desse modo, é importante compreender que a identidade de gênero não se limita à dicotomia tradicional entre masculino e feminino (LOURO 2019).

No âmbito escolar, essa realidade passa a ser mais percebida quando analisamos as simbologias presentes nos banheiros que caracterizam aquele determinado espaço como pertencente ou não a uma determinada sexualidade ou pessoa, podendo esta ser

homem ou mulher (RUIS, 2017).

Para tanto, é perceptível dizer que a chamada sexualidade humana tem componentes biológicos, psicológicos e sociais, e dessa forma se expressa de maneira individual em um determinado indivíduo (GODOY, 2018). Em contraponto, ao pensarmos também nos aspectos sociais ainda é refletido que estes também influenciam no desenvolvimento e aprendizado, bem como as atitudes, valores e comportamentos. Sendo assim, esse conjunto de aspectos ligados à sexualidade que acompanha cada ser, se autodenomina como educação sexual (OLIVEIRA, 2020).

3.3 O silenciamento da família e escola

Partindo para uma nova abordagem, é notório salientar a perspectiva de que os professores desempenham um papel crucial quando o assunto é educar sexualmente. No entanto, embora essa visão seja tida como a melhor opção, a educação sexual não é somente um trabalho dos educadores.

Nesse viés, segundo Barbosa (2019), existe uma preocupação dos pais ao fato de os seus filhos estarem tão expostos a um assunto tão delicado, e assim a obrigação de educar sexualmente acaba sendo arremessada para a escola, uma vez que os pais não se sentem preparados para debater e conversar a respeito de questões relacionadas à sexualidade.

Por conseguinte, é válido mencionar que o preconceito dos pais em relação à educação sexual nas escolas muitas vezes dificulta o processo de entendimento e a partilha de um saber tão essencial como esse. Tal preconceito reflete preocupações e crenças profundamente enraizadas em questões morais, culturais ou religiosas (BARBOSA, 2020).

Sendo assim, alguns pais podem temer que a educação sexual vá contra suas convicções pessoais ou valores familiares, o que pode levar a uma resistência em permitir que suas crianças recebam essa educação nas escolas. Além disso, existe o receio de que falar sobre sexualidade nas escolas possa encorajar a atividade sexual precoce e aumentar a curiosidade dos alunos (BARBOSA, 2020). Assim, considerando o dificuldade da família, em lidar com as manifestações da sexualidade de crianças e adolescentes,

a escola, por sua vez, assume também esse papel. Contudo para que isso de fato ocorra é essencial investir na formação de professores e, na inclusão da respectiva temática nos conteúdos programáticos. Ainda nesse viés, é percebido a importância da elaboração de práticas pedagógicas inerente ao tema, essas por sua vez, devem fazer parte de um projeto permanente e interdisciplinar, evidentemente mediados por profissionais capacitados. Considerando evidências científicas e incluindo questões de diversidade, direitos sociais, reprodutivos e igualdade de gênero. Para tanto, é preciso promover encontros de diálogos entre discentes e professor, com o intuito de que esse último possa compreender o que alunos e alunas entendem por educação sexual e o que esperam aprender a partir desses projetos. Por conseguinte, deve ouvir a comunidade em geral para melhor entendimento do contexto histórico, político, social e econômico, bem como quais desses mais afetam diretamente os discentes quanto a sua identidade de gênero.

Nesse aspecto, a educação sexual deve começar cedo; deve ser contínua e ligada à formação de todas as crianças e jovens, iniciada e assumida pelos pais, complementada pelas escolas e pelos profissionais de saúde, tendo em vista a relevância desses profissionais em questão. É correto afirmar que os profissionais de saúde também desempenham um papel importante na oferta de informações precisas sobre contracepção, prevenção de infecções sexualmente transmissíveis e saúde sexual e questões de gênero (PINHEIRO et al., 2017).

A colaboração entre escolas e profissionais de saúde permite uma abordagem holística à educação sexual, combinando conhecimento científico com orientação emocional. Dessa maneira, a avaliação contínua dos programas de educação sexual é essencial para determinar sua eficácia e fazer ajustes quando necessário. Os programas podem ser adaptados para lidar com questões emergentes, como o impacto das mídias sociais na sexualidade dos adolescentes, garantindo que a educação sexual permaneça relevante e eficaz (PINHEIRO et al., 2017).

Ademais, destaca-se a importância do diálogo entre família, com o intuito de fornecer informações precisas para diminuir o risco do início precoce da vida sexual e reprodutiva, por entender que mães e pais ao conversarem abertamente com seus filhos sobre sexualidade, reduz o risco de gravidez não planejada e infecções sexualmente transmissíveis e debate sobre as questões de gênero. Além disso, a educação sexual

ajuda a enfraquecer o estigma e os tabus em torno da sexualidade e da diversidade sexual e de gênero, promovendo relacionamentos respeitosos e saudáveis (BUENO, 2018).

3.4 Educar para prevenir

Muito se discute a respeito de sexualidade e suas particularidades. Por exemplo: os diferentes fatores na vida dos adolescentes que podem afetar a saúde reprodutiva, entre eles: o sexo, idade, raça ou até mesmo a etnia.

Nessa perspectiva, a preocupação com os cuidados para a vida sexual pode variar dependendo de cada indivíduo. A população masculina pode se sobressair com a maior probabilidade de começar uma vida sexual mais cedo, uma vez que possuem altos níveis de atividade sexual em comparação com as mulheres (SILVA et al., 2021).

Partindo desse pressuposto, a educação sexual vem como uma forma de entendimento e apoio que deve ser primeiramente passada pelos adultos, tais como: a família, os docentes, ou até mesmo os profissionais na área da saúde. Desta maneira, educar para prevenir torna-se o caminho mais fácil para se ter uma sexualidade saudável e confiante, em vista das dúvidas e medos que o adolescente pode enfrentar (BARBOSA et al., 2020).

Diante do supracitado, faz-se necessário que os professores de todas as disciplinas passem a abordar a educação sexual de maneira integrada e inclusiva. Dessa forma, em vez de limitar o ensino da educação sexual a uma única aula ou disciplina, pode-se incorporar conceitos e discussões relacionados ao corpo, aos relacionamentos, ao consentimento e à saúde em diferentes momentos do currículo. A realização de encontros com abordagens educativas envolvendo alunos e alunas, ajuda a normalizar o diálogo sobre sexualidade e contribui para uma compreensão mais abrangente e saudável da educação sexual. Além disso, os docentes devem criar um ambiente seguro e livre de preconceitos, onde os alunos se sintam à vontade para fazer perguntas e discutir temas relacionados à sexualidade, promovendo a conscientização através de informações claras e objetivas (NARDI; QUARTIERO, 2012 apud SANTOS et al., 2021).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, nota-se que é um grande desafio atribuir a educação sexual como temática obrigatória no currículo escolar, como também é notório a dificuldade em abordá-la enquanto tema transversal, devido aos preconceitos e tabus existentes na sociedade. Como supracitado, a introdução da educação sexual no currículo escolar fornece informações precisas na formação de indivíduos pensantes, permitindo-lhes identificar possíveis casos de abusos, bem como, diferenciar cada etapa do desenvolvimento sexual e reprodutivo.

Diante disso, a educação sexual na escola desempenha um papel fundamental na prevenção de problemas de saúde, como gravidez não planejada e infecções sexualmente transmissíveis, ao fornecer informações cruciais sobre métodos contraceptivos e medidas de prevenção, o que é vital para a saúde dos adolescentes. Além de promover a igualdade de gênero, condiciona os jovens a respeitar as diferenças e a diversidade de identidade de gênero e orientação sexual, contribuindo para a construção de uma sociedade mais inclusiva e tolerante.

Nota-se que para muitas famílias a introdução da supracitada temática nas escolas é um assunto incômodo, gerando preocupações, a exemplo da ideia de que a educação sexual pode ser inadequada para crianças de determinadas idades; preocupações culturais e religiosas que podem influenciar a forma como o assunto é abordado, bem como o receio de que a educação sexual nas escolas possa interferir nos valores e crenças familiares. É importante ressaltar que, muitas vezes a implementação da educação sexual é realizada ao levar em consideração as diversas perspectivas da comunidade. Isso pode envolver a realização de consultas públicas e a participação ativa de pais, educadores e membros da comunidade no desenvolvimento de políticas e programas. Dessa forma, busca-se encontrar um equilíbrio entre a promoção da educação sexual e o respeito pelas convicções individuais e culturais.

Ademais, a implementação da educação sexual nas escolas é uma questão sensível que requer uma abordagem cuidadosa e equilibrada. A discussão e o consenso contínuo são fundamentais para criar um ambiente educacional no qual essa temática possa desempenhar um papel positivo na formação de alunos e alunas, propiciando-lhes a tomada de decisões responsáveis em relação à sua sexualidade e aos seus

relacionamentos, ao mesmo tempo em que respeita as diversas visões da comunidade.

Diante do exposto, torna-se necessário à formação pertinente de profissionais da área da saúde e da educação, sobretudo de professores, para que assim, esses profissionais possam abordar de maneira coerente e flexível, conteúdos relativos a educação sexual com crianças e adolescentes. Ações essas que devem acontecer juntamente com a implementação dessas temáticas nos programas escolares de ensino aprendizagem.

5 Agradecimentos

Sendo uma pessoa de fé agradeço primeiramente a Deus, a minha mãe Luzinete Maria pelo apoio em momentos que precisei me afastar de meus pequenos em busca do conhecimento, a meus dois filhos Maria Luna e Josué Carvalho por me proporcionarem os dois momentos em que me senti a mulher mais empoderada do mundo, que foi ao nascerem e, ao querido Ebert Figueroa (In memoria), meu professor do ensino médio que me ensinou perfeitamente bem o que são enzimas, isso durante uma recuperação, e para todas as crianças, muitas que por terem passado por abusos despertou em mim a necessidade de trabalhar esse TCC em cima dessa temática, com o intuito de conscientizar a sociedade, em especial a cada pai e mãe, da importância da transmissão do conhecimento desde sempre. Isso se faz necessário para proteção, segurança bem como prevenção da exposição a situações de risco.

Pâmala Conceição Carvalho

Primeiramente a Deus, por sua infinita bondade e misericórdia nos dias de dificuldades e aflições, ao meu marido Lucas Renan por todo apoio e compreensão, a minha mãe Tânia Barbosa por todo incentivo, carinho e amor, ao meu Pai Leilson Barbosa (In memoria) por ter me apoiado, ter acreditado em mim e me auxiliado quando se fez necessário, aos meus irmãos Lucas Silva (In memoria), Leandro Barbosa e Lauane Barbosa pela preocupação e incentivo, a todos os professores que fizeram parte desse processo de aprendizagem e a todos os amigos em especial: Ana Claudia de Jesus, Ana Claudia Oliveira e Isadora Fontes que fizeram essa jornada ser mais leve e divertida. Obrigada por toda força!

Larissa Silva Barbosa

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Luciana et. Al. O Silêncio da Família e da Escola Frente ao Desafio da Sexualidade na Adolescência. **Ensino, saúde e ambiente**, [S.l.], v.12, n.2, p. 31-49, ago, 2019. Disponível em <<https://periodicos.uff.br/ensinosaudeambiente/article/view/21625>>. Acesso em: 16 nov. 2023.

BUENO, R. C. P.; RIBEIRO, P. R. M. História Da Educação Sexual No Brasil: Apontamentos Para Reflexão. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, v. 29, n. 49, 2018.

CAMPOS, Helena et al. Diálogos com adolescentes sobre direitos sexuais na escola pública: intervenções educativas emancipatórias. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João del Rei, 13 (3), p. 1-16, julho-setembro, 2018. Disponível em: http://seer.ufsj.edu.br/index.php/revista_ppp/article/view/3107

FIGUEIRA, J. R. **Impacto da violência sexual em mulheres com disfunção sexual**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.2020. Disponível Acesso em 22 de jul. 2021.

FIORINI, J. S. **Educação Sexual na escola: currículo e práticas**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura acadêmica, 2020.

GUACIRA, Lopes Louro. **Currículo, género y sexualidad: Lo "normal", lo "diferente" y lo "excêntrico"**. Descentrada, marzo-agosto 2019, vol. 3, nº 1.

GODOY, Diego Azevedo. Educação em Sexualidade no Brasil: um tour histórico e seus importantes desdobramentos para a formação do educador e do desenvolvimento da área na educação escolar. **DOXA: Revista Brasileira de Psicologia e Educação**, p. 272-288, 2018.

LEAL, Ana. **Educação sexual escolar no Brasil: aspectos, história e relevância**. Conedu, Universidade Federal do Piauí, 2021.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado, pedagogias da sexualidade**. 2ª Edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação, uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14ª edição. São Paulo: Hucitec Editora, 2014.

OLIVEIRA, Maria. Sexualidade Infantil: A Relação Entre Educação Sexual e a Identidade De Gênero. **Revista on-line de Política e Gestão Educacional**, Araraquara, v. 24, n. 3, p. 1825-1840, dez, 2020. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/rpge/article/view/14288>. Acesso em: 13 nov. 2023.

Orientações técnicas de educação em sexualidade para o cenário brasileiro: **tópicos e objetivos de aprendizagem**. -Brasília : UNESCO, 2014.

PINHEIRO, A. S. de; SILVA, L. R. G. DA; TOURINHO, M. B. A. DA C. A Estratégia Saúde da Família e a Escola na educação sexual: uma perspectiva de intersectorialidade. **Trab. educ. saúde**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 3, p. 803-822, Dec. 2017.

REIS, T., org. **Manual de Comunicação LGBTQIA+**. Curitiba: Aliança Nacional LGBTI/ GayLatino, 2018.

RUIS, Fernanda. Ouvindo Meninos: Relações de Gênero na Educação Infantil. **Revista Brasileira de Psicologia e Educação**, Araraquara, v.19, n.2, p. 283-294, jul/dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/doxa/article/view/10922>. Acesso em: 15 nov. 2023.

SANTOS, Ana Laura Romano dos. Et al. **Educação sexual no ambiente escolar**. 2021. 28 f. Monografia (Graduação em Pedagogia). Centro Universitário Unabetim Instituto de Ciências Humanas. Betim, 2021.

SÃO PAULO. Governo do Estado. Secretaria da Justiça e Cidadania. Coordenação de Políticas para a Diversidade Sexual. **Diversidade sexual e cidadania LGBTQIA+**. 4ª ed. São Paulo: SJC/SP, 2020.

SILVA, Ana et. Al. Educação sexual para prevenção da gravidez na adolescência no contexto da saúde escolar: análise integrativa. **Research, Society and Development**, [S.l.], v. 10, n. 3, mar, 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/12967>. Acesso em: 18 nov. 2023.

SILVA, Kaline. **Educação sexual**: uma ação pedagógica na escola. Universidade estadual da Paraíba, set. 2014.

SILVA, Karolayne et al. Percepção dos Adolescentes Quanto à Educação Sexual e Sexualidade na Escola. **Ensino, Educação e Ciências Humanas**, Amazonas, v. 22, n. 4, p. 582–588. Disponível em: <https://revistaensinoeducacao.pgsscogna.com.br/ensino/article/view/9138>. Acesso em: 18 nov. 2023.

SILVA, Wesley. Contribuições e Limitações de Revisões Narrativas e Revisões Sistemáticas na Área de Negócios. **ANPAD**, Maringá, v. 23, n.2, p. 1-11, março/abril, 2019.